Volume II

Quarta Parte – 12

Reencontrando aquela que imaginei ter perdido o meu coração

****

E agora devo chegar à grande calamidade da minha vida, com o coração hesitante e mais relutante à caneta que tentarei contar com o mínimo de palavras possível.

O leitor, se for bom o suficiente para ler sem se perder, lembrará da bela Sra. Deane, por quem imaginei ter perdido o coração, em Hopshire, alguns anos atrás.

Eu não a via desde então – de fato, quase a esqueci –, mas ouvi vagamente que ela havia deixado Hopshire, vindo para Londres e se casado com um homem rico e mais velho do que ela.

Bem, um dia eu me encontrava no Hyde Park, observando atentamente as pessoas que passavam na estrada, quando passou uma carruagem aberta e novinha em folha, e nela a triste Sra. Deane (foi isso), sozinha em sua glória, e parecendo muito mal-humorada, de fato. Ela me reconheceu e curvou-se, e eu me curvei de volta, com um breve palpitar do coração – uma homenagem involuntária e por razões muito antigas – continuei meu caminho, me perguntando se algum dia a teria admirado tanto.

Nesse momento, para minha surpresa, fui tocado no cotovelo. Era a Sra. Deane de novo – ainda vou chamá-la de Sra. Deane. Ela saiu e me seguiu a pé. Era seu desejo que eu dirigisse pelo parque com ela e conversasse sobre os velhos tempos. Obedeci e, pela primeira e última vez, me vi fazendo parte daquela procissão orgulhosa e alegre que tantas vezes assistira com olhos curiosos.

Ela parecia ansiosa para saber se alguma vez eu havia feito as pazes com o coronel Ibbetson, e ficou feliz ao saber que a resposta era não e que, provavelmente, nunca seria ao contrário, pois meu sentimento contra ele era forte e amargo e certamente duradouro.

Ela parecia odiá-lo muito.

Ela, gentilmente, perguntou por mim e por minhas perspectivas de vida, mas não parecia tão interessada em minhas respostas – até que mais tarde, falei sobre minha vida na França, e sobre meus queridos pais, e foi quando me ouviu com grande simpatia, e fiquei muito tocado. Ela perguntou se eu tinha fotos deles; eu tinha – as mais lindas miniaturas –; e, quando nos separamos, prometi visitá-la no dia seguinte à tarde e levar comigo as miniaturas.

Ela parecia uma mulher desatenta, muito preocupada, e evidentemente com pouco círculo de amizades. Ela me disse que eu era a única pessoa em todo o parque a quem ela havia se reverenciado naquele dia. Seu marido estava em Hamburgo e ela iria encontrá-lo em Paris em um ou dois dias.

Eu não tinha tantos amigos, mas fiquei muito feliz por tê-la conhecido, e me chamou de livre vontade para mostrar as fotos, como havia prometido.

Ela morava em uma grande casa nova, suntuosa e perto do Marble Arch. Ela estava sozinha quando liguei e imediatamente me perguntou se eu havia trazido as fotos em miniaturas; e olhou para elas com bastante ansiedade, e então, voltou o olhar para mim, e exclamou:

"Meu Deus, você é a própria imagem do seu pai!".